

## O pai 'suficientemente bom': algumas considerações sobre o cuidado na psicanálise winnicottiana

*Marcela Casacio Ferreira\**

*Tania M. J. Aiello-Vaisberg\*\**

### Resumo

Apesar da importância que atribuímos ao pensamento de D.W. Winnicott, reconhecemos que teoriza sua experiência clínica abordando a família de um modo que não ultrapassa os horizontes conservadores os quais, em sua época, demarcavam rigidamente as funções materna e paterna. Considerando as novas organizações familiares apresentadas na clínica atual, bem como as variações de funções estabelecidas entre homens e mulheres, este artigo invoca uma reflexão, eticamente inspirada, sobre o tema da maternagem, que a nosso ver possui raízes no potencial humano do cuidado ao outro, que, por sua vez, não é prerrogativa do sexo feminino. Convida, assim, ao debate acerca da capacidade de devoção paterna no desenvolvimento infantil, incluindo etapas precoces, e faz questionamentos éticos frente às necessidades das famílias contemporâneas.

*Descritores:* adoção, cuidado, maternagem, pai, psicanálise, Winnicott.

### The 'good enough' father: some considerations about 'concern' in Winnicott's psychoanalysis

#### Abstract

Despite the importance of D.W. Winnicott's thinking, which has been able to renew psychoanalysis, it is recognized that his theory tackles 'family' in a way to not exceed conservative limits that, in his time, rigidly demarcated the functions of mothers and fathers. However, in present clinic, we are faced with different contemporary models of family, fact that demands an ethically inspired reflection. This paper tackles the issue of new family organizations, as well as variations of established functions between women and men. This invokes the topic of mothering, which seems to have origins in the human potential to concern for others – which, in turn, is not a prerogative of females. Thus, this paper invites to the debate about the ability of paternal devotion through the whole child development, including precocious stages, and makes ethical questions in the face of contemporary families' needs.

*Index-terms:* adoption, concern, father, psychoanalysis, Winnicott

### Le père "suffisamment bon": certains considérations sur le devouement chez Winnicott

#### Résumé

Malgré l'importance de la pensée chez D. W. Winnicott, il est reconnu que sa théorie aborde la famille de façon conservatrice en remarquant rigidement les fonctions maternelle et paternelle. Néanmoins, aujourd'hui nous sommes confrontés en clinique à plusieurs modèles de famille, ce qui demande une réflexion éthique. Cet article propose un débat sur les nouvelles organisations familiales, comme les variations des fonctions établies entre les hommes et les

\* Docente da Faculdade de Jaguariúna, São Paulo; Doutora em Psicologia Clínica pela PUC de Campinas, sob a orientação da profa. dra. Tania M. J. Aiello-Vaisberg; bolsista do CNPq.

\*\* Profa. orientadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida, PUC de Campinas; profa. associada do Instituto de Psicologia da USP e orientadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da USP.

femmes. Il invoque le thème de la maternité qui a comme base le potentiel humain de soigner l'autre, ce qui n'est pas la fonction exclusive de la femme. Il invite ainsi au débat sur la capacité de soin paternelle dans le développement des enfants et il questionne les nouvelles nécessités des familles actuelles.

*Mots-clés:* adoption, psychanalyse, dévouement, famille, père, Winnicott.

## El padre 'suficientemente bueno': algunas consideraciones sobre el cuidado en la psicoanálisis winnicottiana

### Resumen

A pesar de la importancia que atribuimos al pensamiento de D.W.Winnicott, reconocemos que teoriza su experiencia clínica abordando la familia de un modo que no ultrapasa los horizontes conservadores, los cuales, en su época, demarcaban rígidamente las funciones materna y paterna. Considerando las nuevas organizaciones familiares presentadas en la clínica actual, bien como las variaciones de funciones establecidas entre hombres y mujeres, este artículo invita a una reflexión, éticamente inspirada, sobre el tema de la maternidad que a nuestro ver posee raíces en el potencial humano del cuidado al otro, que, por su turno, no está relacionado solamente con el sexo femenino. Así, invita, al debate sobre la capacidad de vocación paterna en el desarrollo infantil, incluyendo etapas precozes, y realiza cuestionamientos éticos frente a las necesidades de las familias contemporáneas.

*Descriptores:* adopción, cuidado, maternagem, padre, psicoanálisis, Winnicott

### Introdução

É no contexto pós vitoriano de Londres, século XX, a partir dos anos trinta, que Winnicott teoriza sobre sua vasta experiência clínica pediátrica e psicanalítica, que inclui, além das análises individuais, um alto número de consultas com duplas de mães e filhos. Nessa época, observava-se na Inglaterra - assim como em outros países da Europa, a exemplo da França - um padrão familiar conservador, que delegava à mãe a responsabilidade da atenção e dos cuidados com o filho. A família nuclear, constituída de mãe, pai e filhos, que se acomodava em casas separadamente de outros parentes e vizinhos, atribuía ao pai, em tese, a função do trabalho rentável e da garantia das despesas da casa, enquanto se esperava da mãe que se incumbisse dos cuidados da casa e dos filhos.

Malgrado o fato da guerra ter gerado condições excepcionais de vida, que afetaram profundamente as pessoas, esta organização familiar vigente permaneceu como padrão. Winnicott trabalhou durante a segunda guerra mundial, presenciando diversas situações de separação entre membros da família, muitas vezes ligadas à necessidade de envio de crianças a cidades vizinhas, visando sua proteção frente aos ataques e bombardeios (Winnicott, 1940, 1945). A partir do que observava, ampliava sua visão da importância da família como 'sustentadora emocional' do desenvolvimento saudável das crianças, a começar pela fundamental necessidade da relação suficientemente boa da mãe com seu bebê, incluindo aquele "adoecer" saudável, conhecido como preocu-

pação materna primária, uma capacidade que permite o exercício pleno da maternagem no início da vida de uma criança. Revelava, então, ao longo de sua obra, a convicção de que a mãe é tão fundamental à constituição da subjetividade quanto o ar que o bebê respira, principalmente, nos primeiros meses de sua vida. Paralelamente, Winnicott atribuiu ao pai e à família a função de proporcionar à mãe a segurança necessária à realização da acolhida segura e tranquila do recém nascido.

Ora, ao mesmo tempo em que assistimos a esta retomada do estudo do pensamento de Winnicott, somos confrontados, no fazer clínico, com modelos contemporâneos de família marcadamente diferentes daquele do qual provinham seus pacientes. O aumento contínuo da presença da mulher no campo de trabalho, assim como nos estudos e na universidade, modificou a cena doméstica, dando origem a novas formas de organização das funções familiares e parentais, que podem ser vistas, por exemplo, quando a maternagem é exercida por pais enquanto a mãe está fora trabalhando, ou, quando mães voltam a trabalhar após duas semanas do parto...

Diante deste quadro, propomo-nos, como objetivo do presente trabalho, refletir sobre a contribuição que a psicanálise pode trazer à elucidação e superação do sofrimento humano que é vivido em contextos familiares marcadamente diversos daqueles prevalentes nos primórdios das descobertas e teorizações de Freud e seus seguidores. A demanda clínica aparece veemente, tanto no consultório como em várias instituições, educacionais, ju-

rídicas, sanitárias e outras, nas quais o profissional se insere, tornando necessário o estudo sobre as peculiaridades dessas modalidades de famílias ditas pós modernas – de certa forma ainda novas aos nossos olhos – para viabilizar o acompanhamento e sustentação do desenvolvimento emocional saudável.

É interessante lembrar que um grande número de pessoas acredita que Winnicott limitou-se a enfatizar a importância da função materna, esquecendo-se do pai. Entretanto, a leitura de suas obras revela que chegou a abordar consideravelmente o pai, a paternidade, a função paterna e a triangulação edípica, apesar de fazê-lo, como era de seu feitio, de forma um tanto dispersa e não sistematizada (Outeiral, 1997). Por outro lado, não se pode negar que, no início de sua obra, Winnicott pareça ter realmente deixado de reconhecer a importância do registro paternal (Duparc, 2004).

O texto winnicottiano mais conhecido sobre o pai tem um título direto e expressivo: “What about father?” (Winnicott, 1964). Neste trabalho, que se insere numa série dedicada a resolver questões colocadas pelas mães, afirma que, devido ao seu trabalho, nem sempre o pai podia estar em casa quando o bebê ainda estava acordado. Acrescenta, também, que mesmo quando o pai está em casa, enquanto a criança está acordada, a mãe pode experimentar dificuldades sobre como “utilizar” o marido... A seu ver, muitas mães pensavam ser mais simples dar comida e banho no bebê, e leva-lo para a cama, antes que o pai chegasse. Todavia, mesmo conhecendo a prática corrente, pensava que a divisão do cuidado pelo casal, ao permitir o compartilhamento de pequenos detalhes do cotidiano, enriqueceria e aprofundaria o vínculo conjugal e, conseqüentemente, a família. Apesar de perceber muitos pais tímidos ou desinteressados, consentia que as mães ajudassem seu maridos num processo de aproximação da criança, permitindo-lhes assumir atividades que lhes interessassem ou mesmo assistindo alguma tarefa delas com o filho. Percebia que a presença e participação do pai dependia do como e do que a mãe podia fazer frente a tudo isso .

Num contexto mais amplo, Winnicott referiu-se ao pai para além da questão da provisão de cuidados práticos em família. Nesta linha, atribuiu posteriormente ao pai e à família, a mesma condição de espelho inicialmente assumida pela mãe, por meio da qual a criança poderá reconhecer-se e sentir-se existente e real (Winnicott, 1967), alcançando maturidade emocional. Contemplou a importância da existência de um terceiro a se aproximar e interferir na peculiar

relação da dupla mãe e bebê, destacando sua contribuição direta na teoria do desenvolvimento do self do bebê. O pai, enquanto terceiro, pode alcançar, ou não, êxito na tarefa de apresentar-se como diferente, de acordo com sua maturidade emocional e, sem dúvida, de acordo com a maturidade emocional e com a história da mãe.

Aparentemente, seguiu Freud num caminho de reconhecimento da importância da figura e da função paterna, como aponta Outeiral (1997). Winnicott concorda com o pai da psicanálise no que diz respeito a atribuir ao monoteísmo a consequência universal do amor ao pai e da sua repressão. Diz Winnicott:

...o pai pode ser o primeiro vislumbre que a criança tem da integração e da personalidade total. É fácil passar desta interação entre introjeção e projeção para o importante conceito, na história do mundo, de um monoteísmo, não de um deus único para mim e outro deus único para você. (Winnicott, 1969, p. 188)

Apesar da tradição freudiana, Winnicott parece ir mais longe, conduzindo-nos a pensar que muitas pessoas podem não chegar ao desenvolvimento emocional referente ao Complexo de Édipo – momento este no qual pode acontecer o recalque – fazendo-nos rever o sentido do pai e das falhas ambientais no desenvolvimento inicial dos pacientes bem como a possibilidade de não se alcançar um status de pessoa total.

Para Winnicott (1956), é fundamental que o pai seja verdadeiramente importante para a mãe, num sentido dramático e existencial, permitindo o estabelecimento de uma relação mãe-filho saudável. Deste modo, o bebê poderá integrar-se com auxílio da presença paterna. Neste último caso, o pai não “duplica” o cuidador materno, mas aparece como elemento inscrito num processo de diferenciação da alteridade. Diferentemente do que vemos em alguns casos de psicose, onde a mãe – e não apenas o bebê – mantém um vínculo fusional com o filho, o pai desempenharia importante função auxiliar no processo de desenvolvimento saudável do bebê.

Quando tudo vai bem, a criança elaborará fantasias ao redor da união sexual dos pais, a partir das quais criará/ encontrará formas pessoais de viver e solucionar a questão da triangulação edípica (Winnicott, 1964). Além do suporte moral que oferece à mãe, o pai deverá, ainda, enriquecer o universo da criança com seu conhecimento e sobreviver a seus ataques, para que o filho possa sentir-se como vivo e real. Concordando no sentido de que também a mulher

poderia realizar tal função, lembra que são tantos os cuidados maternos a serem despendidos, que melhor seria se a mãe não precisasse ser a receptora do ódio do bebê, deixando esta função para o pai. Diz Winnicott:

...and has to provide the whole of the strong or strict element in her children's lives as well as the love, she carries a big burden indeed. (Winnicott, 1964, p. 115)

Notamos, assim, algumas diferenças culturais importantes na perspectiva winnicottiana que parecem estar em transição hoje, entre as quais, aquela que consiste em deixar parte da moção do ódio de um filho dirigida ao pai, enquanto a mãe permanece como a destinatária do amor.

Encontramos também elementos interessantes para pensar a paternidade nas obras dedicadas ao estudo da tendência anti-social (Winnicott, 1967), em relação a qual Winnicott considera importante a distinção de dois aspectos. De um lado, observa a ocorrência de falha na relação da mãe com a criança, no sentido de que alguma privação tenha ocorrido impedindo o encontro criativo de objetos necessitados, como causa do surgimento na criança de uma necessidade intensa de busca de objeto, que poderá estar na base de comportamentos tais como o furto. De outro lado, atribui ao pai, neste contexto de exame da tendência anti-social, uma função de manutenção de um enquadre seguro, que permita à criança lidar com sua agressividade, ódio e destruição, características estas parciais do elemento masculino, tanto em meninos como em meninas. Esta questão é fundamental, em termos de amadurecimento emocional, desde o ponto de vista winnicottiano, porque só se completa satisfatoriamente um processo de estabelecimento de vínculo saudável com a realidade na medida em que seja possível, pela via da própria destrutividade, chegar a se conceber a alteridade, a externalidade do mundo. (Winnicott, 1968)

O exame de suas formulações sobre a tendência anti-social, contudo, leva-nos a observar o inevitável amálgama cultural preservado na obra de Winnicott quando ele discute os problemas da função materna na origem de tal tendência e a necessidade do pai de acolher a agressividade da criança em momentos posteriores. Esta distinção faz-se natural para o autor, uma vez que, a partir de seu ponto de vista e de seu lugar naquela época, quem estava a maioria do tempo com o filho e era a cuidadora responsável por atender às necessidades do bebê era a mãe; o pai, diferentemente, encontrava-se em plano secundário no que diz respeito ao cuidado.

De qualquer forma, nesta breve varredura de alguns de seus textos, fica evidente a preocupação de Winnicott em tematizar questões relativas à importância atribuída ao ambiente cuidador no processo de favorecimento do desenvolvimento emocional infantil. Apesar de não evidenciar um questionamento antropológico sistematizado sobre a forma de organização familiar daquela época - na qual mulheres estão à frente dos cuidados da casa e os homens provendo sustento - hoje podemos reconhecer, como faz a antropologia, que as diferentes formações sociais podem tratar da criação de crianças de muitas maneiras, e solucionar a questão da imaturidade humana, no início do seu desenvolvimento, de variadas formas, porquanto existem plasticidade e flexibilidade humanas.

Sendo assim, ao pensarmos em funções maternas ou paternas e suas variáveis culturais, remetemo-nos inevitavelmente às origens e atribuições de aspectos femininos e masculinos na constituição subjetiva, os quais também poderão ser abordados conforme o modo estabelecido pelo contexto social, discussão esta que se faz premente, dadas as inusitadas formas de organização familiar da contemporaneidade.

É necessário - pelo fato de nossas famílias ocidentais virem se modificando rapidamente - caminhar, nós psicanalistas, paralelamente a aquilo criado pelas mudanças sociais. Dentre elas, o cuidado e a devoção, sempre atrelados à mãe e à maternidade, parecem-nos importantes temas já que, assim como perguntavam as mães de Winnicott "e o pai?", atualmente, além das mães, também os pais propõem-nos esta pergunta.

Um modelo de devoção está longe de definir-se como próprio das mulheres e sequer de mães biológicas. Badinter (1985), Morel (2003), Marinopoulos (2003), ao mostrarem quantos bebês foram abandonados na França antiga até meados do século XIX, indicam que uma compreensão de abordagem meramente econômica, segundo a qual a entrega do bebê estaria essencialmente ligada à pobreza, é absolutamente superficial, uma vez que muitas mulheres pertencentes a classes mais favorecidas simplesmente deixavam os filhos durante anos entregues às amas de leite. A nosso ver, fica assim patente que a questão do abandono filial é bastante complexa e demanda considerações a partir do vértice da deliberação e da autonomia pessoal - sempre relativa mas existente.

Para alguns, o mito do amor maternal significa, em termos imaginários, a existência de um quantum transbordante de afeto e dedicação em relação ao filho. Assim, há que se compreender que esta idéia, quando pensada em ter-

mos míticos e não reais, possa gerar alguma resistência emocional. De fato, pensar que a relação afetiva entre mãe e bebê depende de vicissitudes e circunstâncias específicas, de modo tal a favorecer – ou não – o estabelecimento de um vínculo verdadeiramente amoroso, pode ser bastante assustador e ainda pode explicar o desconforto que a tese de Badinter (1985) sobre o mito do amor materno suscitou.

Sabemos que cada sociedade organiza sua forma de viver, de modo que nossas representações e condutas não são naturais, mas sociais. Assim, é possível revermos o que é destinado como função a cada um na família a partir do método psicanalítico, cujo fundamento ético reconhece todas as condutas dos seres humanos - cruéis, sublimes - como manifestações humanas, que devem ser compreendidas como possibilidades do acontecer humano (Aiello-Vaisberg, Machado, Ambrosio, 2003).

Em nossos estudos sobre a adoção (Ferreira & Vaisberg, 2004), contemplamos alguns aspectos de ‘cuidadores’ que não mantêm filiação biológica com crianças e, sequer, são mulheres. As famílias adotivas podem nos servir de exemplo de devoção e de cuidado que transcendem as organizações familiares tradicionais de laço sanguíneo, mas que sobretudo acontecem com a mesma força de um encontro interhumano.

A função do ‘cuidador devotado comum’ é, ao nosso ver, favorecer o desenvolvimento da criança no sentido da integração pessoal e da constituição do self.

Ousamos complementar esta afirmação, dizendo que o cuidado devotado pode ser executado, por exemplo, pelo pai ou por alguém que esteja presente de forma espontânea, no momento oportuno com aquele bebê, sendo, assim, capaz de realizar suficientemente bem sua função. As responsabilidades, caso fossem assim organizadas, seriam divididas e talvez muitos homens encontrassem algum tipo de prazer neste tipo de realização. Ademais, se um homem chegou a ser pai, só pôde por ter nascido de uma mãe. Se cresceu e sobreviveu, é porque algum cuidador dele se ocupou. Para Winnicott, o SER, na condição do sentimento de existir, antes do fazer, é propriedade do elemento feminino de cada um de nós, homens e mulheres. O bebê, ao encontrar o seio, diz Winnicott (1971), encontra seu próprio self, experimenta o existir e isso está diretamente relacionado à capacidade da mãe em ser suficientemente boa, e de ter um seio que É, possibilitando o bebê de SER. Caso contrário, o bebê precisa se desenvolver sem a capacidade de SER, ou sob uma forma mutilada de ser.

Esse período – que é fundamental mas curto - é

comum na vida de homens e mulheres, o que nos faz acreditar que ambos possam vir a ser capazes de auxiliar um outro rumo à existência. Por outro lado, quando acompanhamos a afirmação winnicottiana de que o homem-pai pode e deve proporcionar um ambiente confortável para a dupla mãe-bebê, chegamos facilmente à seguinte pergunta: por que, então, não seria o pai capaz de proporcionar um bom ambiente para o bebê?

Como conduta, o cuidado prestado a outrem acontece no contexto inter-humano, envolvendo sempre dois pólos, um mais nitidamente ativo, outro mais receptivo. No campo da psicanálise, a maternidade tem sido frequentemente tomada como modelo de cuidado devotado. Este modelo parece-nos rico por levar-nos ao acompanhar os passos de uma mãe devotada comum com seu filho, a enxergar o que proporciona ao bebê, o que traz, o que recebe, enfim, o que podem ambos trocar, porque mesmo antes de existir como individualidade separada, “desde seu próprio ponto de vista”, a presença humana do bebê é doadora de sentido. Entramos, assim, em contato com condutas constitutivas de uma relação inter-humana, que pode ser vista, a priori, como a base do vínculo e da constituição do self. Entretanto, se é óbvio que esta relação é a primeira, cronologicamente falando, na vida do indivíduo, temos dúvidas acerca do acerto em toma-la como modelo quando, na verdade, existem muitas outras situações humanas caracterizadas por cuidado, que visam favorecer o desenvolvimento de um dos envolvidos, e que podem ser bem sucedidas, tal como, aquelas existentes entre professor e aluno, chefe e funcionário, médico e paciente, e outras. Evidentemente, não desconsideramos que a especificidade da primeira relação consiste no favorecimento da constituição do self. Entretanto, se é fato que a integração primordial do “eu sou” do bebê, como unidade existencial, é fundamental, não podemos negar que o viver genuíno, sendo desenvolvimento, busca sempre, para se realizar, o *holding* ambiental.

Desta forma, estaríamos abarcando as relações estabelecidas entre os indivíduos a partir do cuidado espontâneo, de um devotamento que não estaria baseado em exigências ou deveres, como pode ser com uma mãe e um filho, e sim, com a disponibilidade humana para o cuidado. Podemos pensar que o cuidado é espontâneo quando acontece como gesto do verdadeiro self, um gesto, portanto, autêntico e integrado. Todavia, este gesto pode estar, paradoxalmente, harmonizado às regras e normas, já que nem toda norma é insana. Winnicott (1962) abordou o paradoxo “ser eu mesmo e me portar bem”, quando des-

creveu sua forma de se comportar frente a um paciente em enquadres psicanalíticos, considerando tanto sua autenticidade quanto as necessidades de seu paciente. Foi além, contudo, pois contemplou ambos movimentos humanos, envolvendo aquele fundamental, existencial, de constituição do self, de ser autêntico e, portanto, o movimento de criar – e poder ser eu mesmo –, com o movimento de considerar o meio, de considerar o outro, o ambiente, e portanto, o movimento de encontrar – e me portar bem.

A respeito do cuidado, Aiello-Vaisberg, Correa e Ambrósio (2000) comentam:

A relação mãe-lactente, sendo cronologicamente anterior a todas as outras relações, no âmbito individual, é um caso particular de encontro humano, aquele que tem lugar quando o nascimento biológico teve lugar mas o ser humano ainda não "chegou" ao mundo humano, requerendo, por isso, uma parceria absolutamente especial (p. 3).

A relação mãe e filho é historicamente a primeira na vida individual, mas corresponde, de um ponto de vista lógico, a um tipo particular de relações de cuidado, que se configura a partir de alguma assimetria funcional. O trabalho de Chamuska (2000), realizado com pessoas contando e relatando experiências das suas relações com professores, ilustra bem nosso ponto de vista. Entrevistando pessoas que falam sobre professores que foram importantes em suas vidas, esta autora soube colher relatos que expressam com muita clareza como devoção pode acontecer no contexto da relação professor-aluno, uma vez que aqueles que ficam na memória são justamente os que foram devotados. Assim, parece-nos possível conceber que não necessariamente as relações de cuidado seguem o modelo da relação mãe e filho e sim o contrário, que a relação mãe-bebê se inscreve no contexto das relações humanas de cuidado. Conseqüentemente, o paradigma a seguir não é o da maternagem, e sim o do cuidado, no qual evidentemente se inscreve a própria maternidade.

A maternidade é, pois, uma das possibilidades desses tipos de relação. Continuam:

Por outro lado, todo e qualquer encontro, atinja ou não níveis profundos de regressão (Winnicott, 1954) faz-se verdadeiramente quando alguma devoção pode acontecer (Aiello-Vaisberg, Correa & Ambrósio, 2000, p. 3).

Aqui estamos contemplando a devoção a acontecer de forma espontânea, autêntica, como o é na maioria do tempo visto com a mãe 'preocupada' comum, mas que pode ser reportado ao cuidado realizável, também, por outros que não a mãe, como os pais, avós, tios, professores, por alguém interessado em criar. Essa forma de pensar faz muito sentido, quando nos remetemos às famílias adotivas.

Enfim, em relação à função do pai, é preciso reconhecer a importância trazida pela psicanálise, e em destaque por Winnicott (1969), quando este ressalta “o terceiro de papel diferenciado” a ser bem utilizado como diagrama para integração do bebê. Este outro/idade total, que nos tempos de Winnicott era geralmente o pai, caso não esteja presente, acarreta ao bebê uma árdua tarefa rumo à integração. Mas, como fala o próprio Winnicott em 1969, uma outra alternativa dada a ausência do pai, é a utilização, em busca da totalidade pessoal, de “... algum outro relacionamento que seja bastante estável com uma pessoa total” (p. 188) – fazendo-nos muito sentido hoje, quando transpomos sua premissa aos modos de organização familiar contemporâneos.

Aqueles que serão escolhidos para estarem em tal função, cabe à sociedade ditar. Psicanalistas, precisamos viver em consonância com o exercício contínuo da percepção destes fenômenos e destas representações. Assim, poderemos trabalhar baseados em uma ética que nos permita transitar pelo imaginário que nos circunda, e ao mesmo tempo, visualizá-lo sob um ângulo externo, o que, contudo, acontecerá, sempre, de forma relativa. Pensamos que estes movimentos são necessários se estamos empenhados não apenas no processo de desenvolvimento do indivíduo, mas também no processo de desenvolvimento do meio ambiente humano em que existimos.

## Referências

- Aiello-Vaisberg, T. M. J.; Machado, M. C. L. & Ambrósio, F. F. (2003). A alma, o olho e a mão: estratégias metodológicas de pesquisa na Psicologia Clínica Social Winnicottiana. In: T. M. J. Aiello-Vaisberg (org) *Trajeto do sofrimento: rupturas e (re)criações de sentido*. São Paulo: Instituto de Psicologia USP.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J.; Corrêa, Y. B.; Ambrósio, F. F. (2000). Encontros brincantes: o uso de procedimentos apresentativo-expressivos na pesquisa e na clínica winnicottiana. *Anais do IX Encontro Latino Americano sobre o Pensamento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro, RJ.
- Ariès, P. (1986). *História social da criança e da família*. Tradução Dora Flaksman. 2ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara (Trabalho original publicado em 1973).
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. (W. Dutra, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.
- Chamuska, V.S. (2000). *Em busca do tempo que não se perde*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, SP.
- Duparc, F. (2004). Le père chez Winnicott (est-il 'suffisamment bon')? In Winnicott insolite. *Monographies de Psychanalyse de la Revue française*

- de psychanalyse* (pp. 71-91). Direção de Boushira, J. e Durieux, M-C. Paris: Puf.
- Ferreira, M. C. e Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2004). Concepções sobre adoção entre psicólogos e psicanalistas: observações iniciais. *Anais do XIII Encontro Latino-Americano sobre o Pensamento de Donald W. Winnicott*. (pp. 155-159). Porto Alegre: Rio Grande do Sul.
- Freud, S. (1996). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In Freud (1996). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad.) (Vol. 12, pp. 233-244). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1911).
- Marinopoulos, S. (2003). Histoires de passages: de l'abandon à l'adoption. In: *Le bébé face à l'abandon le bébé face à l'adoption. Sous la direction de Szegler, M. et collaboration de Lambrichs, L. L.* Nouvelle édition. Paris: Albin Michel S.A..
- Morel, M-F. (2003). Les enfants abandonnés dans la France ancienne (xiv-xix siècle). In: *Le bébé face à l'abandon le bébé face à l'adoption. Sous la direction de Szegler, M. et collaboration de Lambrichs, L. L.* Nouvelle édition. Paris: Albin Michel S.A.
- Motta, M. A. P. (2005). *Mães abandonadas: a entrega de um filho em adoção*. 2ª edição. São Paulo: Cortez.
- Outeiral, J. (1997). Sobre a concepção de pai na obra de D. W. Winnicott. In Outeiral, J. & Abadi, S (Orgs). *Donald Winnicott na América Latina: teoria e clínica psicanalítica* (pp.203-211). Rio de Janeiro, RJ: Revinter.
- Roussillon, R. (1999). Actualité de Winnicott. In: A.Clancier et J. Kalmanovitch *Le Paradoxe de Winnicott*. Paris: InPress.
- Winnicott, D. W. (1999). Crianças na guerra. In *Privação e delinquência* (pp. 23-30) (A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original de 1940).
- Winnicott, D. W. (1999). A criança evacuada. In Winnicott, D. W. *Privação e delinquência* (pp.41-46). (A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original de 1945).
- Winnicott, D. W. (2000). A preocupação materna primária. In Winnicott, D. W. *Da Pediatria à Psicanálise* (pp. 399-405). (D.L.Bogomeletz, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original de 1956).
- Winnicott, D. W. (1983). Teoria do relacionamento paterno-infantil. In Winnicott, D. W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp.38-54). (I. C. S.Ortiz., trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. 268p.

Recebido e aprovado pela Comissão Editorial em 31/07/2005 a aprovado para publicação em 23/10/2006.